

A FIGURA DO PROFESSOR NA OBRA *UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA*, DE ZIRALDO

Valéria Bussola Martins¹

RESUMO

Da Antiguidade até o início do século XIX, predominou na prática escolar uma aprendizagem de tipo passivo e receptivo. O processo de desenvolvimento do aluno passava por um exercício mecânico, já que, frequentemente, resumia-se à repetição do que era ouvido e à memorização de textos. O mundo, porém, desenvolveu-se e essa educação tornou-se, conseqüentemente, antiquada. Era necessário pensar um ensino mais estimulante e adaptado aos interesses reais dos alunos. Uma educação que formasse para a vida cidadãos críticos e comprometidos com o mundo. Neste trabalho, objetiva-se apresentar como Ziraldo construiu a personagem professora Maluquinha, docente que, de forma geral, utiliza práticas didático-metodológicas mais progressistas. Também se pretende mostrar qual foi o procedimento utilizado pelo autor para que a protagonista da obra *Uma professora muito maluquinha* se tornasse, pelo menos por meio de um olhar inicial, uma das professoras preferidas nas obras da Literatura Brasileira que tratam do tema educação.

Palavras-chave: aprendizagem, docente, educação.

ABSTRACT

From the Antiquity until the beginning of the 19th Century, receptive-passive learning predominated in educational practice. The student's development process used to undergo a mechanic exercise, since it was frequently a repetition of what was heard and also texts memorization. However, the world has developed significantly and this kind of education became obsolete. It was necessary to think of a teaching practice that was more stimulating and adapted to the real students' interests. Moreover, a kind of education that formed critical citizens, who were engaged to the world. This work has the objective of presenting the way Ziraldo has constructed his character professora Maluquinha, a teacher who, in a general way, uses more progressive didactical-pedagogical practices. It also intends to show what was the procedure used by the author for the protagonist of the work *Uma professora muito maluquinha* so that she could become, at least by means of a initial look, one of the favorite teachers in Brazilian Literature who deal with the education theme.

Key words: learning, teacher, education

Introdução

Uma das mais belas profissões é, sem dúvida, a do educador. Como participante de uma atividade importantíssima na vida de todo ser humano, ele é um agente de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

transformação e de multiplicação. Na maioria das vezes, principalmente durante a Educação Básica, é no professor que o aluno busca o seu ponto de referência existencial para o desenvolvimento de sua personalidade e da postura que julga ser capaz de levá-lo a fazer o percurso desejado para sua vida.

O termo educação, que tem sua origem no verbo latino *educare*, significa alimentar, criar. Da Antiguidade até o início do século XIX, predominou na prática escolar uma aprendizagem de tipo passivo e receptivo. Aprender envolvia quase exclusivamente memorizar, sendo que a compreensão desempenhava um papel muito reduzido. Segundo Zilberman & Rösing (2009, p. 71), é “o que se observa, por exemplo, no modelo de bom aluno repetidor, cuja competência mais valorizada é dizer aquilo que o livro didático ou o professor já disse: quanto mais literal a repetição, melhor”.

O processo de desenvolvimento do aluno, portanto, passava por um exercício mecânico, já que, frequentemente, resumia-se à repetição do que era ouvido e à memorização de textos. Essa forma de ensino baseava-se na concepção de que o ser humano era semelhante a um pedaço de argila que podia ser modelado à vontade. O pensamento humano era como se fosse uma tábua lisa, um papel em branco sem nada escrito, no qual tudo podia ser impresso.

Por meio da repetição de exercícios, o discente passava a executar certos atos complexos, que, aos poucos, tornavam-se hábitos. O estudo caracterizava-se pela recitação de cor, os conhecimentos a serem adquiridos eram reduzidos e para que os alunos pudessem repeti-los correta e adequadamente, o docente utilizava o procedimento de perguntas e respostas, tanto em sua forma oral quanto escrita.

Embora Rousseau já defendesse, desde o século XVIII, uma mudança ao longo das etapas escolares, propondo uma educação natural que respeitasse o desenvolvimento da criança bem como levasse em consideração o mundo do qual ela fazia parte e a intervenção do adulto como guia ao longo do desenvolvimento escolar, o importante nesse modelo vigente de aprendizagem, contrário ao apregoado por Rousseau, era que o aluno reproduzisse literalmente as palavras e as frases decoradas. Freire (1987, p. 58-9) denominou essa prática como educação “bancária”:

Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...] Na visão “bancária” da educação, o “saber”

é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

O mundo, porém, desenvolveu-se e essa educação tornou-se, conseqüentemente, antiquada. Era necessário pensar um ensino mais estimulante e adaptado aos interesses reais dos alunos e às suas condições de aprendizagem. Era necessário pensar uma educação que formasse para a vida cidadãos críticos e comprometidos com o mundo do qual fazem parte.

Dessa forma, o conhecimento passou a ser encarado não como algo que alguém transmite, mas, sim, como uma descoberta que a própria pessoa realiza, um ato que se dá no interior do indivíduo, sendo uma das funções do educador ajudar o aluno a descobrir, inclusive por si mesmo, a verdade.

Ao que tudo indica, essa parece ser a tentativa da protagonista da obra *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo: ajudar o aluno a descobrir a verdade, ensinar o aluno a aprender a aprender. Neste trabalho, objetiva-se apresentar como o autor construiu a personagem professora Maluquinha para que ela se tornasse, pelo menos por meio de um olhar inicial, uma das professoras preferidas nas obras contemporâneas da Literatura Brasileira infanto-juvenil.

A construção da personagem

A história de *Uma professora muito maluquinha*, publicada em 1995 e narrada em primeira pessoa, ocorre em uma pequena cidade do interior. Antes mesmo de conhecermos seus habitantes e logo no início da narrativa, Ziraldo utiliza várias páginas para caracterizar metaforicamente a professora Maluquinha. É a partir dessa primeira descrição que o leitor toma contato com o tom apaixonado que o narrador-personagem utiliza para descrever sua mestra:

Era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. Ela era uma professora inimaginável. Para os meninos ela era uma artista de cinema. Para as meninas, a Fada Madrinha (ZIRALDO, 1995, p. 05-13).

Candido (2011, p. 54) explica que a personagem “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.” e é surpreendente como em *Uma professora muito maluquinha* essa possibilidade transforma-se em certeza bem rapidamente. Poucas linhas são necessárias para que o leitor também se apaixone pela professora.

Só depois entramos em contato com os moradores da cidadezinha que são descritos juntamente com a própria cidade:

Tinha a pracinha, a matriz e o cemitério no alto do morro; tinha o Padre Velho (que era tio dela) e o Padreco (que foi um menino que o Padre Velho criou); tinha as beatas e as solteironas (que davam notícias da cidade inteira). E tinha o funcionário do Banco do Brasil (que fazia versos de pé-quebrado) e o boêmio que cantava boleros (e que era muito bonito); tinha o professor de Geografia, que sabia onde estava no tempo e no espaço; tinha o cinema e o velho dono do cinema sentado na porta, lendo seu jornal; tinha o colégio das irmãs (onde ela havia estudado para professora) e o ginásio municipal; tinha a professora de piano e, sem qualquer explicação para a pobreza da cidadezinha, tinha todos os pianos do mundo nas casas das moças prendadas, onde, todas as manhãs, elas tocavam o *Pour Elise* (ZIRALDO, 1995, p. 14).

É curioso como Ziraldo optou por utilizar uma linguagem infantil, como se verifica por meio das frases curtas e da repetição de palavras, mesmo sendo o narrador-personagem um adulto que apenas revive sua infância. Talvez, a intenção esteja em mostrar como era prazeroso para o antigo aluno relembrar seus momentos de menino.

Outra observação importante é que também conseguimos reconhecer os primeiros traços irônicos na narrativa de Ziraldo. Quando o narrador traz para a obra as beatas e as solteironas, utiliza parênteses para, na verdade, dizer que elas eram fofoqueiras, como já percebemos em: “que davam notícias da cidade inteira” (ZIRALDO, 1995, p. 14).

Além disso, não podemos deixar de notar que o diminutivo na palavra professora será recorrente, provavelmente, para intensificar o carinho que todos os alunos tinham pela educadora.

A seguir, surge na história a primeira aparição da protagonista em sala de aula. Como não poderia deixar de ser, o narrador, mais uma vez, tenta demonstrar o encanto de todos pela Maluquinha. O primeiro encontro foi mágico:

Quando ela entrou pela primeira vez na nossa sala e falou que ia ser nossa professora naquele ano, todas as meninas quiseram ser lindas e todos os meninos quiseram crescer na mesma hora para poder casar com ela (ZIRALDO, 1995, p. 22).

Ziraldo foi muito perspicaz na construção da sua protagonista. Candido (2011, p. 54) expõe que, muitas vezes, não espanta que “a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor”. É exatamente isso que acontece na obra: o leitor aceita a verdade da personagem professora Maluquinha.

Na sequência, logo depois que a docente é caracterizada, a didática diferente da professora começa a ser descrita:

A primeira chamada que ela fez foi assim: mandou cada um de nós escrever o nome de um outro aluno. O nome por inteiro. “Grande vantagem saber escrever seu próprio nome” – ela brincou. Depois embaralhou os nomes de todos nós e mandou que a gente arrumasse tudo direitinho na exata ordem do ABC. Gastamos quase a aula inteira só para descobrir que o nome de um colega nosso chamado Pedro da Silva Martins tinha que ficar na frente do nome de outro colega que – imaginem só! – chamava-se Pedro da Silva Martins. Em compensação, ficamos craques em dicionários e catálogos (ZIRALDO, 1995, p. 23-4).

Dessa forma, o leitor começa a perceber que a narrativa retrata uma professora que tenta utilizar propostas didático-metodológicas progressistas em relação ao que era usado até então. Em vez de repetições enfadonhas, cópia de textos e ditados que, normalmente, deixavam os alunos aflitos e nervosos, a docente optava por várias atividades lúdicas, como forca, jogo do começo, jogo da rima, caça-palavras, que auxiliavam no processo de alfabetização:

Os embates entre os dois times começaram pela modalidade Forca. A cada letra errada se desenhava um pedacinho da forca ou do enforcado. As meninas enforcaram os meninos. A segunda partida foi o Jogo do Começo: quantas coisas começadas por C, por exemplo, tem nesta capa de revista. Os meninos ganharam. E, entre outros, teve o Jogo da Rima: um minuto pro time adversário achar a rima da palavra dada. Logo no primeiro jogo, teve um menino expulso da partida. Um dos jogos mais divertidos, porém, era o Caça-Palavras: descobrir onde estava uma determinada palavra num monte de anúncios, cartazes ou capas de revistas que ela trazia de casa e pregava no quadro-negro. Era uma espécie de campeonato em que, em vez de corrermos atrás da bola, nós corríamos atrás das palavras (ZIRALDO, 1995, p. 27-30).

Portanto, grande destaque era dado, por parte da professora Maluquinha, às aulas de leitura e, depois que os alunos já dominavam o reconhecimento e a leitura de palavras isoladas, ela utilizava outras técnicas como o dia da frase:

E teve o dia da frase. Estava escrita no quadro-negro havia vários dias e ninguém tinha percebido. Foi a Ana que deu pela coisa: levantou-se, de repente, do seu lugar, foi até a última carteira da fila do meio e, de lá, tirou uma maçã embrulhadinha no seu papel de seda azul. [...] Fez-se uma festa quando todos conseguiram ler a frase [...]. Esta festa foi repetida várias vezes. Havia sempre uma frase diferente e um prêmio novo para quem a lesse mais depressa. E a cada dia líamos com mais rapidez, pois descobrimos que ler era uma alegria (ZIRALDO, 1995, p. 34-7).

Entretanto, nem tudo na narrativa envolve só festa e alegria. Como já ocorrera no início da história, quando o narrador fala das beatas e das solteironas com ironia, ao término do relato do dia da frase, surgem as seguintes frases: “As velhas professoras não entendiam nada. ‘Os alunos dela acham melhor ficar na sala de aula do que brincar no recreio’. E repetiam: ‘Esta menina é mesmo muito maluquinha.’ ” (ZIRALDO, 1995, p. 38).

Vemos como é significativa a utilização do adjetivo “velhas” para caracterizar as outras professoras. Este “velhas” pode até referir-se à idade das outras professoras em relação à idade da professora Maluquinha que estava em início de carreira, mas não há como não pensar na escolha deste vocábulo para classificá-las como professoras “chatas”. Fato semelhante ocorre com o termo “menina” que as professoras utilizavam para falar de Maluquinha. É claro que pode ocorrer aproximação com a idade da jovem mulher, mas o

contexto deixa transparecer que no vocábulo ficava implícita a ideia de “inexperiente” ou ainda “irresponsável”.

É nesse ponto que, de repente, o gosto apaixonante e passional pela obra pode diminuir um pouco. Um leitor mais crítico pode julgar que Ziraldo, para valorizar a professora Maluquinha, não precisava menosprezar ou ironizar as outras professoras e vice-versa.

O mesmo recurso de comparação ocorre com as constantes entradas da diretora na sala da Maluquinha devido ao barulho ou às risadas das crianças. Na primeira entrada, a administradora escolar tem uma fala recorrente e normal no ambiente escolar: “Vocês estão prejudicando as outras classes” (ZIRALDO, 1995, p. 32). A fala ocorre apenas para que uma sala não atrapalhe o andamento da escola. Entretanto, na sequência, uma outra fala da diretora já nos traz outros elementos: “Vamos parar com essa felicidade aí!” (ZIRALDO, 1995, p. 75). Parece, nesse caso, que o autor queria fazer com que o leitor julgasse a gestora como se ela fosse uma pessoa infeliz que não gosta de ver os outros bem. Muitos leitores podem achar esse recurso desnecessário.

De qualquer forma, é inquestionável a eficiência dos métodos da Maluquinha. Outra invenção da professora era a Semana do Silêncio:

E tinha a Semana do Silêncio. Era quando ela vinha para a classe, abria sobre a mesa um romance água com açúcar e ficava lendo o tempo todo. Nós ficávamos muito, muito caladinhos. É que a gente lendo nossas revistinhas, nossos tico-ticos e gibis – já tinha menino lendo até Tarzan ou O Espírito – além de outras revistas que ela mesma trazia de casa para nos emprestar (ZIRALDO, 1995, p. 43-4).

Os alunos adquiriam, assim, o prazer pela leitura. A Maluquinha queria educando leitores de verdade. Ela sabia que, às vezes, há discentes que até sabem ler e escrever, mas que não fazem uso competente e frequente da leitura e da escrita. Estão alfabetizados, porém não letrados, ou seja, o uso da leitura e da escrita é muito parco, limitado e não permite maior envolvimento em reais práticas sociais. Mal preparados e instrumentalizados, os discentes acabam por não desenvolver o apego ao exercício da leitura que é, indiscutivelmente, um instrumento do exercício da cidadania.

A protagonista sabia que além do desapego, por conta de ausência de sensibilização, de contextualização, de ludicidade e de incentivos nas propostas de leitura

por parte de alguns professores, os alunos, muitas vezes, desenvolvem ojeriza pela prática da leitura. Era isso que ela queria evitar.

Por meio da personagem professora Maluquinha, a obra mostra que o processo da alfabetização, que racionalmente levaria ao letramento, deveria ser natural, como descreve Freire (2009, p. 15) ao tratar de sua infância e da importância de seus pais ao longo desse percurso:

E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Em muitos casos, as leituras estão distantes do universo e da realidade infantil e juvenil e a maior parte dos educandos chega, portanto, à vida adulta sem o hábito de ler. Para eles, a leitura envolve apenas uma obrigação e deixou de ser, há muito tempo, sinônimo de distração, prazer e lazer. A leitura mecânica que se propunha ao aluno, não tinha sentido.

Segundo a professora Maluquinha, a leitura, durante as aulas de Língua Portuguesa, deveria partir, portanto, de temas e de gêneros textuais do dia a dia do aluno e não de assuntos que passam muito longe de sua realidade. A compreensão desses temas mais próximos seria, assim, mais simples e efetiva. Bakhtin (1999, p. 95) expõe que:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

É por esse motivo que a protagonista da narrativa de Ziraldo utilizava os gibis em sala de aula, mesmo que eles fossem para alguns, como para o professor de catecismo ou Padreco, como era chamado pelo narrador-personagem, sinônimo de pecado.

Observa-se, novamente, aliás, mais uma utilização pejorativa das palavras ao longo da obra. O Padreco poderia ser apenas o Padre, mas como o Padreco era uma problema para a Maluquinha já que a considerada muito revolucionária, recebeu essa designação:

Acontece que o Padreco era o professor de catecismo do grupo escolar e havia proibido a leitura de histórias em quadrinhos. Segundo o Padreco, gibi era pecado! Ele não dava sossego para nossa professorinha. Vivia dizendo que ela era muito liberal, uma anarquista muito da maluquinha. E contava tudo para o Padre Velho que, ao contrário dele, tinha a maior paciência com a sua maluquinha querida (ZIRALDO, 1995, p. 46-7).

Contudo, não se pode negar que a professora fazia com que seus alunos lessem cada vez melhor e com mais rapidez. Outra prova de sua criatividade foi a invenção da máquina de ler:

Foi quando ela inventou a Máquina de Ler. Era uma bobina de papel de embrulho da loja de um tio, onde foi, engenhosamente, adaptada uma manivela. O começo do rolo de papel deixava ver escrito, em letras grandes, um verso que nós nunca esquecemos: “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste”. Então, ela foi fazendo o rolo girar e a gente viu que estava vindo ali um poema escrito de baixo para cima, um verso sobre o outro. E ela foi girando, lentamente, a manivela e mandando a turma ler o poema em voz alta (ZIRALDO, 1995, p. 54-5).

As crianças liam, divertiam-se e a cada dia conheciam um poema diferente, sendo que o rolo girava cada vez mais rápido. Era uma festa e a própria professora brincava com a turma: “No dia em que vocês estiverem lendo com a velocidade de um locutor de rádio, eu posso ir embora para casa!” (ZIRALDO, 1995, p. 56).

Nota-se, dessa forma, que a docente do livro de Ziraldo tentava, a todo momento, criar novas formas para estimular a leitura. No universo escolar da protagonista, as possibilidades de leitura expandiam-se e surgiam reflexões entre os colegas de classe e a educadora. Durante as leituras coletivas, por exemplo, despontavam diferentes visões sobre o tema lido. Prova disso é que em uma das aulas da protagonista em que os discentes discutiam a história de Leônidas, rei de Esparta, e de tanto falarem sobre História Antiga, Ana, uma das alunas, perguntou à mestra: “Professora, onde é que a gente pode ler mais sobre isto?” (ZIRALDO, 1995, p. 66).

Eles queriam ler mais. Eles queriam, na verdade, ler o mundo como explica Antônio Joaquim Severino, no prefácio da obra *A importância do ato de ler*, obra que reúne três artigos de Paulo Freire (2009, p. 08):

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se, é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político [...] Projeto comum e tarefa solidária de educandos e educadores, a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história.

A professora, portanto, sabia que as habilidades de leitura deveriam ser desenvolvidas, mas não ingênua e isoladamente e, sim, de forma a atingir uma leitura voltada, principalmente, para a leitura do mundo.

Entretanto, o desenvolvimento da capacidade de interpretar a realidade depende, fundamentalmente, da filosofia da escola e das políticas educacionais daquele momento. O tipo de aula e a educação oferecida nas escolas, particulares ou públicas, influenciam todo o processo de aquisição e desenvolvimento da leitura do mundo e esse é um fator que aparece na obra com grande intensidade porque os métodos da professora são questionados a todo o instante.

Ela rompe paradigmas que caracterizavam uma boa aula e embora, claramente, estivesse fazendo os alunos desenvolverem-se, a diretora, as outras professoras e alguns pais de alunos questionavam o que ela fazia nas aulas, como se ela estivesse na escola apenas para brincar com os alunos.

Na verdade, todo professor, assim como a escola, reproduz uma ideologia. Cabe ao educador consciente estar atento a esse fato. A professora Maluquinha reconhecia essa realidade, tentava tratá-la como um fenômeno natural e, apenas, buscava afastar de si uma postura manipuladora. É por esse motivo que ela não se coloca como centro do processo de ensino-aprendizagem. O foco não estava nela. Ela não era a detentora única do saber. Havia proximidade e diálogo. Por isso, ela era diferente.

Na realidade, ao invés da polarização existente, colocando de um lado o professor, como aquele que ensina e, de outro, o aluno que tem que

aprender, dever-se-ia sempre pensar a Educação reunindo esses dois elementos-chave num único processo, o de ensino-aprendizagem, equilibrando, na valorização de cada um, a importância de ambos (VASCONCELOS, 2009, p. 34).

De forma geral, ao longo da narrativa, as outras professoras dão a entender que se consideram o centro do processo de ensino-aprendizagem e que apenas julgam o aluno como um receptor de saberes que devem ser acumulados ao longo do ano letivo. Para elas, a repetição é a mãe da aprendizagem e a memorização, a solução para tudo. O silêncio é valorizado e a imobilidade do aluno, entendida como respeito:

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência (FREIRE, 2005, p. 67).

Tais docentes pouco podem fazer em prol da formação crítica e reflexiva dos discentes. Trata-se de professores que ministram as aulas sempre da mesma forma e que terminam o ano sem grandes reflexões pedagógicas.

É por isso, também, que Maluquinha incomodava tanto. Ela tentava aperfeiçoar-se sempre e tratava a escola como fonte geradora de cultura e não só de aprendizagem de conteúdos. Hernández (1998, p. 32) explica que:

Os problemas para aprender e pensar não são considerados como produto de certas aptidões e de inescrutáveis processos cognitivos, e sim como complexas interações entre personagens, interesses, contextos sociais e culturais e experiências de vida. Leva-nos também a reconhecer a complexidade conceitual e vital dos alunos (desde os primeiros anos) e das situações de aprendizagem que vivem dentro e fora da Escola. Tudo isso pode servir de antídoto diante do reducionismo da pedagogia cartesiana que continua dominando boa parte de nossa cultura educativa, sobretudo no Ensino Médio.

Convém ressaltar que, durante um tempo, o modelo tradicional fora satisfatório. Entretanto, naquela época, os objetivos eram outros. Ao longo da narrativa, ela não ironiza os métodos das outras docentes. Todavia, ela entendia que os métodos tradicionais não mais conseguiam acompanhar o mundo no qual se apresentavam, como explica Hernández

(1998, p. 50): “apresentar exemplos da cultura que nos rodeia tem a função de aprender a interpretá-los a partir de diferentes pontos de vista e favorecer a tomada de consciência dos alunos sobre si mesmos e sobre o mundo”.

Surge desse pensamento a ida ao cinema da cidade, proposta pedagógica mais uma vez questionada pela diretora e pelas outras professoras.

Ziraldo, portanto, construiu a personagem docente para mostrar que ela não questionou, por exemplo, o irrefutável valor dos sólidos conhecimentos, normalmente agrupados em disciplinas, mas, sim, para retratar uma professora cujo foco de questionamento estava na forma como os conteúdos eram desenvolvidos em sala de aula, na melhor maneira de fazer com que o indivíduo realmente aprendesse a aprender.

Não existe modelo ideal de educação. Não há fórmulas pedagógicas mágicas ou milagrosas. Contudo, seria muito proveitoso se a oposição entre professores e alunos fosse superada de tal maneira que se fizessem “ambos, simultaneamente, educadores e educandos” (FREIRE, 2005, p. 67). Talvez, essa tenha sido uma das maiores preocupações de Ziraldo ao escrever a obra.

Considerações finais

Por meio da leitura da obra *Uma professora muito maluquinha*, o leitor chega à conclusão de que o autor queria mostrar que o genuíno educador é aquele que contribui para que o aluno, verdadeiramente, aprenda.

A busca pela autonomia do educando, a certeza de que os alunos são diferentes, o respeito pela curiosidade natural do indivíduo, a valorização dos interesses e necessidades dos discentes, a convicção de que a educação é um meio essencial para capacitar o ser humano a desenvolver plenamente suas habilidades e competências individuais e a integração entre a vida escolar e a social inspiravam a protagonista.

O educando, de modo geral, rejeita a aula monológica, puramente expositiva, que parte, quase que exclusivamente, da enunciação do professor ou do autor do livro didático. Em muitos casos, há uma disposição para aprender, para ler, debater textos, compartilhar sentidos, porém, torna-se indispensável que se mude o tratamento dado a essas atividades.

Esse é o foco da narrativa. Trata-se, portanto, de uma obra que disserta sobre o processo ensino-aprendizagem e que dá destaque às aulas de leitura.

É cada vez maior o número de alunos que solicitam uma participação diferente no processo de ensino-aprendizagem, o papel de sujeito, que os auxiliaria, na superação de suas dificuldades:

Essa visão destaca, por exemplo, a importância de ensinar a reconhecer as influências mútuas entre as diferentes culturas, a presença das representações de umas e outras em diversas formas de conhecimento (filosófico, derivado da construção da identidade...), nas artes (das formas de representação, da utilização dos símbolos e procedimentos), nas ciências (desde o cálculo até a explicação das leis da natureza) e nas crenças (na influência entre as visões religiosas) na construção da realidade (HERNÁNDEZ, 1998, p. 33).

Em verdade, na obra de Ziraldo, o foco afastou-se da professora. Deu-se destaque para os educandos, que se tornaram, assim, protagonistas no processo de ensino-aprendizagem:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas (FREIRE, 2005, p. 79).

Além disso, o ensino faz parte do contexto social e, como esse contexto é dinâmico, o ensino também o é. Logo, o educador deve sempre transformar a sua prática pedagógica, planejando, dessa forma, novas ações que almejem resultados mais condizentes com a realidade dos alunos.

Esse é o dia a dia da professora Maluquinha e embora alguns digam que a docente parece ser uma professora impossível de existir na vida real, muitos de nós já tivemos uma professora maluquinha em nossa vida escolar. Além disso, por se tratar de um romance, Ziraldo não tinha de se prender à realidade. “Na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso” (CANDIDO, 2011, p. 67).

Conclui-se, então, que com professores mais reflexivos, críticos, conscientes e preocupados, ganha o ensino na medida em que reflexões geram transformações e

benefícios diretos para alunos e para a própria sociedade. Esse, provavelmente, seja o maior ensinamento da obra do escritor Ziraldo.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Volochinov. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Educação e mudança*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. *A formação do professor do ensino superior*. São Paulo: Intertexto, 2009.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K.. *Escola e leitura: velha crise. Novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

ZIRALDO. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.